



Septiembre 2019 - ISSN: 1989-4155

NAS TRAMAS DA DIFERENÇA: GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Rogério Nogueira de Mesquita¹

Secretaria de Educação do Estado do Acre
Mestre em Geografia Humana pela Universidade Federal de Rondônia
E-mail: rogerio_vitorioso@yahoo.com.br

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Rogério Nogueira de Mesquita (2019): "Nas tramas da diferença: gênero, sexualidade e diversidade no espaço escolar", Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo (septiembre 2019). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/atlante/2019/09/genero-sexualidade-diversidade.html>

Resumen

Las discusiones de género y sexualidad aún son vistas y tratadas por la sociedad como un gran tabú. Por lo tanto, pocas personas buscan profundizar en el tema, después de todo, para muchos, es algo que no aporta nada a la sociedad. Y fue con el fin de tejer algunas reflexiones que van en contra de esta visión negligente que se elaboró este estudio. Por lo tanto, los elementos que nos dieron la base para la construcción de este texto fueron aquellos basados en la revisión de la literatura y los informes de experiencia. Por lo tanto, buscamos resaltar que lidiar con las relaciones de género en el espacio escolar, se trata de una diversidad en construcción, en movimiento, que rompe con roles preestablecidos. En el espacio escolar es donde se reproducen estas relaciones, donde la diversidad está latente, poniendo a prueba la mayor parte del tiempo, los roles preestablecidos por la sociedad heteronormativa.

Palabras clave: Género. Sexualidad. Diversidad. Espacio escolar.

Resume

Gender and sexuality discussions are still generally viewed and treated by society as a major taboo. Thus, few people seek to delve into the theme, after all, for many, it is something that contributes nothing to society. And it was in order to weave some reflections that go against this negligent view that this study was elaborated. Therefore, the elements that gave us the basis for the construction of this text were those based on literature review and experience reports. Thus, we seek to highlight that dealing with gender relations in the school space, is dealing with a diversity under construction, in movement, which breaks with pre-established roles. In the school space is where these relationships reproduce, where diversity is latent, putting in check most of the time, the roles pre-established by heteronormative society.

Keywords: Gender. Sexuality. Diversity. School space.

¹ Compõe o quadro de pessoal da Secretaria de Educação do Estado do Acre. Mestre em Geografia (Geografia Humana), pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR (2019). Pós-graduado em Ensino de Geografia pela Universidade Candido Mendes - UCAM (2019) e em Educação Especial e Inclusiva, pela Faculdade Educacional da Lapa - FAEL (2017). Graduado em Licenciatura Plena em Geografia, pela Universidade Federal do Acre - UFAC (2015). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero - GEPPGÊNERO.

1. Introdução

Os espaços escolares, tanto das sociedades urbanas, quanto das sociedades rurais, encontram-se em constante processo de construção e reconstrução. Nessa perspectiva, reconhecer que tais universos são plurais é um exercício necessário que requer muita cautela, para que nenhum agente social compositor desse espaço seja desconsiderado.

Nesse contexto, Boaventura de Souza Santos nos lembra que: “não adianta, você detectar as ausências e os silenciamentos, têm-se que detectar os instrumentos estruturadores dos silêncios.” Assim, reconhecer tamanha diversidade, requer estratégias interventivas que visem garantir o direito de todos (as) e combater a exclusão e a segregação no espaço escolar.

Nessa perspectiva, através da técnica de pesquisa bibliográfica e relatos de experiência, o presente estudo tem como objetivo tecer reflexões no que se refere aos estudos de gênero no espaço escolar, com acento especial para as questões no campo da sexualidade homoerótica. Para tanto, o termo homoerotismo será empregado para designar a variabilidade de desejos e ações sexuais dos sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo (COSTA, 2011. p. 329).

No decorrer desse estudo, também se tem como propósito, evidenciar que ser homossexual em sua essência se constitui um desafio frente a uma sociedade patriarcal e homofóbica. Nesse contexto, ser homossexual e pobre, constitui uma barreira bem maior a ser escalada quando se tem dificuldade em reconhecer que: “o outro é outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente” (SILVA, 2008, p. 97).

Desse modo, a aceitação do outro e das possibilidades que este nos oferta, pode ser complicada, pois aceitar que o outro também é conhecimento, e admitir que, o caminho por nós escolhido, nem sempre possibilita a chegada ao conhecimento, não é deveras, uma tarefa fácil. Mas é preciso caminhar, ainda que não se conheça totalmente o caminho.

A escolha da presente temática se justifica por sua ausência no palco das discussões frente ao ensino nos espaços escolares. Se o intuito é progredir enquanto sociedade, para podermos viver em harmonia, temos por obrigação, reverter toda uma lógica individual e hierárquica que tem predominado até o presente. Ainda é muito comum segmentos sociais serem obrigados a partilhar de condutas que não lhe dizem respeito, mas partilham porque um determinado grupo que detém o poder de voz decidiu que tem que ser daquela forma.

Para darmos sequência a esse estudo com abordagem de gênero, faz-se necessário primeiramente esclarecermos o que se compreende por gênero e a razão de tal temática ter demorado tanto para ser inserida no universo escolar.

Branco (1996, p. 105) diz que é preciso:

Tentar esmiuçar o que é entendido como gênero. Quando nascemos, a primeira diferença tomada em consideração é o nosso sexo (feminino ou masculino), que serve, assim, de primeiro elemento de identificação externa. Em seguida, faz-se a distinção (clássica) entre sexo e gênero: enquanto o sexo se refere às diferenças biológicas entre homens e mulheres, o conceito de gênero está associado à construção social da identidade sexual, construção que atribui aos dois sexos diferentes papéis, direitos e oportunidades.

Scala (2010), compreende que “O gênero é – exatamente o corpo conceitual que permitiria eliminar a diferença entre os sexos.

Já para Scott (1995), “as abordagens até então utilizadas pela maioria dos historiadores referentes ao termo gênero, ainda são muito vagas, algumas prendendo-se a meras descrições, onde não interpreta e nem explica, e muito menos atribui uma causalidade.” O fato é que esse termo está longe de ser resumido como apenas algo limitado às construções sociais do que vem a ser homem ou mulher, tais explicações perpassam as experiências visuais e sensoriais.

Tratar de relações de gênero no espaço escolar, é tratar de uma diversidade em construção, em movimento, que rompe com papéis preestabelecidos. No espaço escolar é onde estas relações reproduzem-se, onde a diversidade é latente, colocando em cheque na maior parte do tempo, os papéis preestabelecidos pela sociedade heteronormativa.

Nesse contexto, é primordial que a equipe escolar (gestores/as, coordenadores/as e professores/as) estejam dispostos a pesquisar, implementar e redefinir seus itinerários pedagógicos e culturais, sobre a temática, buscando as melhores estratégias para lidar com a pluralidade. É indispensável que se tenha a percepção de que esta construção, não foi neutra, e sim seletiva, já que foi com base nas relações de poder que as questões de gênero pautadas somente no masculino e feminino foi sendo construída, ao longo dos tempos, como algo absoluto e, portanto, como objeto de marginalização e de exclusão social. Assim, é urgente que os membros que compõem a escola olhem-se como espaços de problematização do gênero em escala múltipla, aberta às infinitas redes de identificação.

2. Cartografando o cotidiano do “diferente” no espaço escolar

A escola é o espaço da edificação, fortalecimento, disseminação e problematização da heterogeneidade do termo gênero, substantivo cuja latência semântica convida ao contínuo movimento paradoxal axiomático e prospectivo que embala o percurso da humanidade na construção de cidadanias móveis da escola brasileira.

O ensino é uma via de mão dupla, onde se pode estabelecer redes de tradução do mundo escolar, visto como lugar de tencionamento de memórias, identidades e corpos reveladores de linguagens múltiplas.

Os sujeitos são uma linha divisória que desconstrói o essencialismo discursivo articulando outras potencialidades culturais, estéticas e territoriais entorno da proposição de outros itinerários de realização da alteridade, homossexual, heterossexual, encaradas não sob a lógica binária, mais sim acessadas sob as inclinações várias das triangulações dos saberes contemporâneos.

O conhecimento constitui uma esfera política a partir da qual os inventários de uma verdade absoluta são dessacralizados em prol da cartografia de micro e macro saberes cujos limites não podem estar divorciados um do outro, sob pena de perder seu grau máximo de contribuição ao exercício do pensamento crítico. Isto é, a interconexão de culturas, imaginários e saberes que apontam para a fecundidade da emergência de vozes, espaços e identidades plurais convivendo na atmosfera da sala de aula.

A estranheiridade é um dos fios temáticos que podem amarrar dialogicamente a trajetória de deslocamento da escola, do ensino e sujeitos na construção de um conhecimento científico. Por

estrangeiridade entende-se a condição cultural, econômica, política e estética que atravessa o circuito da identidade do indivíduo.

Em pleno século vinte e um a escola ainda é um espaço de violência física e simbólica, pois ainda não aprendeu a ser espaço de convivência plural. Seus aparatos administrativos e pedagógicos infelizmente castram, traumatizam e desorientam o corpo, a mente e a alteridade de alunos, cuja dor, vontade e sentido de vida são enclausurados dentro da paisagem do medo de ser o que são em seus quartos, banheiros e livros onde encontram esconderijos para viver a aventura de ser, estar sem necessitar explicar, esconder e conjugar a beleza do deslize das mãos, pés e projeção de vozes frente ao outro que o avalia, julga e o empurra para dentro do abismo da intolerância radical. A escola vigia e pune o diferente, permitindo que os iguais continuem molestando discursiva e praticamente o corpo alheio a partir da lógica patriarcal e homofóbica.

Através das lentes da objetividade o ensino tem obscurecido a subjetividade do diferente, inscrevendo-o nos porões da pesquisa exótica cujo o teor político muitas vezes tem sido maculado para celebrar a racionalidade científica e perdido o eixo da oportunidade de fazer vir à baila o diferente como marca indelével da despressurização do ar de cientificidade para a ampliação do valor e importância do estranho e do diferente na construção teórica e metodológica da escola como espaço de convivência entre os gêneros.

A construção efetiva dessa linha de raciocínio pode ser visualizada através de um caso ocorrido em uma escola Rural de Ensino Fundamental e Médio no município de Bujari, estado do Acre. No micro espaço da sala de aula do nono ano pode-se ainda identificar a ausência de uma ética do respeito ao ser humano, predominando o exercício da intolerância sexual.

A exemplo de um adolescente de 14 anos de idade que foi exposto nas redes sociais, por ter beijado seu namorado em um espaço escolar. E como se não bastasse tornou ser alvo de ridicularização no dia-a-dia no próprio ambiente educacional. Diante do ocorrido, em momento algum, houve uma efetiva intervenção de professores (as) ou equipe gestora da escola que visasse amparar o aluno violentado, e muito menos, uma medida interventiva de cunho pedagógico que viesse trazer para o âmbito das discussões curriculares a inserção das questões de gênero no espaço escolar.

O que se sabe, até o presente, é que os pais do adolescente, após ficarem sabendo do ocorrido, foram os primeiros a tomar a drástica atitude de inseri-lo em um convento. Assim, evidencia-se que o preconceito referente aos homossexuais tem grande relação com o “pensamento heterossexual”, “esta é uma interpretação ampla, tanto da história, da realidade social, da cultura, dos discursos e a partir de nosso olhar, segundo todas as vivências espaciais” (ORNAT, 2014. p. 99).

Ainda segundo o autor, “a prática docente dos professores (as) é uma prática discursiva, que produz/relaciona-se aos sentidos atribuídos ao cotidiano. Com isso, a existência de uma pedagogia homofóbica pode constituir o espaço escolar, segundo o reconhecimento da heterossexualidade como norma.”

Gênero, escola e ensino são, por conseguinte, espaços de lutas e reconversões para que possam ser vislumbrados meios de diálogo e resolução entre contextos das identidades plurais. As subjetividades estão em processo constante de transformações, trazendo em si o aspecto da mutabilidade e imprevisibilidade dos atores sociais. Esses também precisam ser vistos em sua feição

móvel, pois guardam alternativas performáticas acessadas para além do reconhecimento da diferença. No espaço da diferença, a escola pode agir criticamente através de um ensino pautado na solidariedade e cooperação das trocas de intersubjetividades, como estratégia para salvaguardar o princípio da indissociabilidade do eu múltiplo de si.

Ou seja, a subjetividade dos indivíduos encontra-se margeada por outros saberes de si cuja materialidade discursiva revela-se na geograficidade das alteridades híbridas da voz, imagem e pensamento de discentes, docentes, gestores e familiares que compõem a comunidade escolar de Bujari.

Uma pedagogia da ética educacional esboça-se de dentro das teias da subjetividade do alunado, gritando para ser ouvida, sentida e multiplicada no fazer pedagógico do professor atento aos balbucios e atos performáticos da fala, escrita e leitura do diferente. De escala em escala do saber, os vestígios da diferença tornam-se zonas de trânsito educacional onde o sinal amarelo da experiência docente cede espaço para o sinal verde da passagem para o espaço das diferenças sexuais, identitárias e culturais desviando-se do sinal vermelho que interdita, rechaça e silencia o corpo, a linguagem e a memória do diferente na bancada, lousa e tela do conhecimento escolar, desterritorializado do medo de viver, e sentir a estranheiridade que comunga com várias práticas de subjetividade em extensão multifocal de Bujari.

3. Considerações finais

Imaginar a possível relação entre os direitos humanos e o espaço escolar, nem sempre é tarefa fácil, ainda mais para aqueles que não possuem proximidade com tais discussões e nem estão dispostos a mergulhar em temáticas que se constituem desafiadoras. Ao pensarmos na escola e sua diversidade, não podemos esquecer que em meio a tanta pluralidade existem aqueles que não se encaixam nos ditos padrões normativos preestabelecido pela maior parte da sociedade, seja ela patriarcal ou econômica. Desse modo, ainda se constitui grande desafio possuímos um espaço do qual os sujeitos envolvidos no processo educativo possam usufruir igual e integralmente.

Nesse contexto, acreditamos que o caminho para que possamos sair do sinal amarelo rumo ao sinal verde, seja adoção de medidas interventivas, frente ao cenário vivenciado pelos educandos da atualidade. Educandos esses, que fogem de todos os padrões que comandam a ordem hegemônica de poder. Seja por possuir uma cor diferenciada daquela exigida pela sociedade eurocêntrica, seja por possuir uma condição sexual que também foge a tais normas, ou mesmo, possua poder aquisitivo menos abastado, como por exemplo, que seja usuário do Programa Bolsa Família.

Assim, podemos observar que a exclusão social encontra-se espalhada em todas as esferas, seja ela pública ou privada. Desse modo, consegue-se visualizar a emergência de tais temáticas para serem trazidas ao palco das discussões. Identificar tais ausências não tem sido o grande desafio, por desafio entende-se que seja a busca por superação de tais ausências. Nesse contexto, podemos evidenciar a relevância de cursos de formação continuada, como aquele ofertado pela Universidade Federal do Acre, no qual estamos inseridos (Aperfeiçoamento em Educação Pobreza e Desigualdade

Social) que tem como propósito o desenvolvimento de práticas político-pedagógicas que possibilitem a transformação das condições de vivência da pobreza e da extrema pobreza de crianças, adolescentes e jovens e, conseqüentemente, promovam condições objetivas que viabilizem um justo e digno viver definido socialmente.

Assim, como a oferta de cursos dessa natureza, aponta-se também a necessidade em se discutir as ausências nos currículos escolares, afinal, “se por um lado o currículo é uma ponte entre a cultura e a sociedade exteriores às instituições de educação, por outro ele também é uma ponte entre a cultura dos sujeitos, entre a sociedade de hoje e a do amanhã, entre as possibilidades de conhecer, saber se comunicar e se expressar em contraposição ao isolamento da ignorância.” (GIMENO SACRISTÁN, 2013, p. 10). Desse modo, incluímos que a compreensão que temos do currículo interfere diretamente nas práticas pedagógicas, ou seja, se o currículo da instituição onde trabalho não aborda as questões de gênero, da pobreza, da desigualdade social, dificilmente os profissionais dessa instituição trarão para a aplicabilidade em sala de aula a discussão de tais temáticas.

Nessa perspectiva, evidenciamos no decorrer desse estudo como se consolidam as práticas docentes e de equipes gestoras em relação à pluralidade no espaço escolar, principalmente no que concerne às homossexualidades que compõe o espaço escolar em Bujari, Acre. Um discurso religioso e de despreparo é proferido pelos professores levando em consideração o significado que os mesmos atribuem sobre o tema. É evidente que alunos e alunas que não correspondem à linearidade entre o sexo, gênero e desejo sofrem preconceitos e discriminações, de forma direta ou indireta, uma vez que o espaço escolar é constituído por padrões de sexualidade hegemônicos.

Visualizamos a ausência das temáticas de gênero, em sala de aula, decorrência não somente, mas também, de uma formação inicial falha. Do mesmo modo, o espaço escolar é uma das possibilidades de vivência cotidiana, constituída por inter-relações, multiplicidade, movimento e discurso, constituído por ligações ainda por serem feitas.

Referências

BRANCO, Patricia. **Genero e intersecções**. Nova Lisboa, Portugal, 1996.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação em Direitos Humanos: questões pedagógicas**. In: BITTAR, Eduardo C. B. (Org.). Educação e metodologia para os Direitos Humanos. São Paulo: Quartier Latin do Brasil, 2008. p. 285-298.

COSTA, B. P. **Geografias, masculinidades e homoerotismo: teorias, práticas e posicionalidades da pesquisa**. In: SILVA, J. M; ORNAT, M. J et al. Espaço gênero e masculinidades plurais. Ponta Grossa. Toda Palavra, 2011.

COSTA, C. L. **A presença e ausência do debate de gênero na geografia do ensino fundamental e médio**. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero. Ponta Grossa – PR, V. 2. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GIMENO SACRISTÁN, José (Org.). **Saberes e incertezas do currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Direitos Humanos: o desafio da interculturalidade**. Revista Direitos Humanos, Brasília, v. 2, p. 10-18, jun. 2009. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/revistas/a_pdf/revista_sedh_dh_02.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2015.

_____. SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Milton et al. (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

SALMÓN GÁRATE, Elizabeth. **O longo caminho da luta contra a pobreza e seu alentador encontro com os direitos humanos**. Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, v. 4 n. 7, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180664452007000200007&lng=pt&nrm=iso#tx02>. Acesso em: 27 fev. 2015.

SANTOS, A, E. C dos; ORNAT, M. J. **Espaço escolar, homossexualidades e homofobia**. Santa Maria – RS. Revista Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 18, n. 2, maio/ago, 2014.

SCALA, J. **A ideologia de gênero e o gênero como ferramenta de poder**. 1ª ed. Rosário: Edições, Logos Ar, 2010.

SCOTT, J. **Gênero uma categoria útil de análise histórica**. 1990. Texto traduzido do francês para o português e revisado de acordo com o original em inglês. Por: LOURO, G. L. Revisado por: SILVA, T. T. 1995.

SILVA, Otávio Barros da. **A nova história do Tocantins**. Palmas – TO: Editora Kelps, 2008.